

Dois bicudos que se beijam...

Nos próximos quatro meses, dois atores políticos, Fernando Henrique Cardoso e José Sarney, vão se exercitar ao máximo na arte da sutileza política, da dissimulação e da capacidade de atacar com delicadeza — traços comuns ao presidente da República e ao presidente do Senado. Neste período, FH estará inteiramente centrado na luta para ter o direito de se candidatar a mais um mandato; e, do outro lado da rua, Sarney, tirando proveito da situação, vai explorar ao máximo os dias finais de seu mandarinato.

O relacionamento de Fernando Henrique com Sarney não é nada convencional. Os dois têm a cordialidade no trato como marca no modo de fazer política, mas sob essa afabilidade praticam com perícia a arte do morder e assoprar. Quando se encontram trocam gentilezas, mas quando se separam têm prazer em lançar dardos um contra o outro. Por exemplo, fazer vazar carta com pedido de desculpa por incidente anterior. A paz dura alguns dias. As estocadas sempre voltam; seja por conta da compulsão de Fernando Henrique para as provocações; ou pela enorme suscetibilidade do senador.

Outra crise entre os dois pode ser instalada. Decorre da disposição do presidente de vetar integralmente o projeto de lei apresentado por Sarney (e aprovado em tempo recorde pelo Congresso) que obriga o Estado a fornecer medicamentos a todos os portadores do vírus HIV. Alega o governo que o projeto é impositivo e, no momento em que um paciente não tiver acesso ao medicamento, ele poderá processar o Estado. Desde já, Sarney reage: "Veta porque o projeto é do Sarney." E lembra que no mesmo dia em que seu projeto foi votado na Câmara, o governo lançava um programa semelhante.

Sarney também prepara seus petardos contra o governo. O último foi a redação de um projeto de resolução que, se aprovado, na prática paralisa temporariamente o processo de privatização da Vale do Rio Doce, meta emblemática do governo FH. Antes propusera incentivos à pequena e microempresa, iniciativa que o governo considera demolidora para o ajuste fiscal. O projeto já passou pelo Senado e es-

tá parado na Câmara, enquanto o governo estuda uma proposta intermediária.

Mas é na presidência do Senado que o ex-presidente tem a possibilidade de azucrinar a vida do presidente da República. Seus amigos dizem que, no relacionamento com Fernando Henrique, "Sarney rosna, mas não morde". Poderia, por exemplo, criar enorme problema para o governo se decidisse incluir na pauta de votação o projeto de regulamentação do tabelamento dos juros em 12% ao ano — idéia que o governo quer esquecer.

De tempos em tempos, porém, Sarney mostra sua força numa votação ou numa articulação política. É quando se lembra do verso de Rimbaud que por muito tempo ficou sob sua mesa de trabalho: "Par délicatesse j'ai perdue ma vie." E consegue ver atendidos seus pedi-

dos políticos que vão desde a liberação de recursos para o Maranhão, governado por sua filha Roseana Sarney, ou o não fechamento de um banco federal em Pinheiros, cidade onde nasceu.

Nunca vai se ver o rompimento definitivo de Fernando Henrique e Sarney. Nenhum dos dois é dado a rompantes nem dão passos na política em que não possam recuar. Sarney carrega mágoas de Fernando Henrique ainda dos tempos da Aliança Democrática. Não esquece nunca o discurso do senador

que fora seu líder no Congresso, mas defendera a instalação de uma CPI para investigar denúncias contra seu governo. Já Fernando Henrique, que tem a capacidade de rir de si próprio, não perde a piada. Criou enorme crise com Sarney quando, em março, falou de marimbondos que tentam picar seu governo. "Alguns marimbondos são de fogo!", disse. Sarney sentiu-se atingido. *Marimbondos de fogo* é o título de um de seus livros.

Difícil é saber o que vai na cabeça de um sobre o outro. Mas é certo que os dois têm na geladeira um bom vinho para oferecer ao outro. Até porque, tem sido sempre assim: uma vez, Fernando Henrique vai até Sarney; de outra, Sarney vai até Fernando Henrique. Assim, o jogo é sempre empate.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

O jogo entre Fernando Henrique e Sarney termina sempre em empate

ESTADO DE SÃO PAULO
26 OUT 1996